

**PERCEPÇÃO DE PROFESSORES A RESPEITO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
EM EDUCAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR**

TEACHERS' PERCEPTION OF PEDAGOGICAL PRACTICES IN SEX EDUCATION AT  
SCHOOL

PERCEPCIÓN DE LOS DOCENTES SOBRE LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN  
EDUCACIÓN SEXUAL EN EL ESPACIO ESCOLAR

Renata Barbosa Nunes<sup>1</sup> 0000-0001-8105-6249

Lilia Aparecida Kanan<sup>2</sup> 0000-0001-6412-0544

Jaime Farias Dresch<sup>3</sup> 0000-0002-9488-1456

<sup>1</sup>Universidade do Planalto Catarinense – Lages, Santa Catarina, Brasil;  
psicorenatabarbosa@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade do Planalto Catarinense – Lages, Santa Catarina, Brasil;  
prof.lak@uniplaclages.edu.br

<sup>3</sup>Universidade do Planalto Catarinense – Lages, Santa Catarina, Brasil;  
prof.jaime@uniplaclages.edu.br

**RESUMO:**

O estudo teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas de educação sexual no espaço escolar sob a perspectiva de professores. Os participantes foram 15 professores que atuam no ensino fundamental, anos finais, em escolas particulares (5), municipais (5) e estaduais (5). Na coleta de dados, ocorreram entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro com questões de interesse sobre o tema. Tais questões organizaram a coleta, reflexão e discussão de temas relacionados à educação sexual. Como resultados, encontrou-se que, em algumas escolas, quando o assunto é abordado, isso ocorre por meio de palestras com convidados externos, sendo marcadas por uma perspectiva biológica e higienista, limitadas a conceitos anatômicos e biológicos e focadas em métodos de contracepção e na evitação de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Isso se contrapõe ao que se preconiza no sentido de uma educação sexual abordada e refletida em uma perspectiva multifacetada, incluindo a diversidade sexual e de gênero, as experiências e necessidades da vida real dos estudantes. Ademais, defende-se também uma educação sexual que explore a sua criticidade e siga para além do foco tradicional, de modo a incluir seus aspectos positivos, os relacionamentos saudáveis, o bem-estar emocional, o desenvolvimento de uma autoestima positiva e considerações a respeito das influências culturais presentes nas escolas brasileiras.

**Palavras-chave:** ensino fundamental; educação sexual; práticas pedagógicas.

**ABSTRACT:**

The study aimed to analyze the pedagogical practices of sexual education in schools from the perspective of teachers. The participants were 15 teachers who work in elementary education, final years, in private (5), municipal (5) and state (5) schools. Semi-structured interviews were used to collect data, based on a script with questions of interest on the topic. Such questions organized the collection, reflection and discussion of topics related to sexual education. As a result, it was found that in some schools, when this subject is addressed, it is done through

lectures by external guests and is marked by a biological and hygienist perspective, limited to anatomical and biological concepts and focused on methods of contraception and the avoidance of sexually transmitted infections (STIs). It counterpoints to what is advocated: sexual education approached and reflected in a multifaceted perspective that addresses sexual and gender diversity, the real-life experiences and needs of students, that explores its criticality and goes beyond the traditional focus to include its positive aspects, healthy relationships, emotional well-being, the development of positive self-esteem and considerations regarding the cultural influences present in Brazilian schools.

**Keywords:** elementary school; sex education; pedagogical practices.

**RESUMEN:**

El objetivo del estudio era analizar las prácticas pedagógicas de la educación sexual en las escuelas desde la perspectiva de los profesores. Los participantes fueron 15 profesores que trabajaban en la enseñanza primaria, en los últimos cursos, en escuelas privadas (5), municipales (5) y estatales (5). Para la recogida de datos se utilizaron entrevistas semiestructuradas, basadas en un guión con preguntas de interés sobre el tema. Estas preguntas organizaron la recogida, la reflexión y la discusión de temas relacionados con la educación sexual. Los resultados mostraron que en algunas escuelas, cuando se aborda el tema, es a través de conferencias impartidas por invitados externos y está marcado por una perspectiva biologicista e higienista, limitada a conceptos anatómicos y biológicos y centrada en los métodos anticonceptivos y la evitación de las infecciones de transmisión sexual (ITS). Esto va en contra de lo que se defiende: una educación sexual abordada y reflexionada desde una perspectiva multifacética que incluya la diversidad sexual y de género, las experiencias y necesidades de la vida real de los alumnos, que explore su criticidad y vaya más allá del enfoque tradicional para incluir sus aspectos positivos, las relaciones sanas, el bienestar emocional, el desarrollo de una autoestima positiva y consideraciones sobre las influencias culturales presentes en las escuelas brasileñas.

**Palabras clave:** educación primaria; educación sexual; prácticas pedagógicas.

## Introdução

Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado que trata da perspectiva dos professores dos anos finais do ensino fundamental sobre as práticas pedagógicas em educação sexual no espaço escolar. A motivação para o presente estudo surgiu a partir da observação empírica, em razão de atendimentos, no contexto de Psicologia Clínica, de pré-adolescentes que apresentavam, durante o início da puberdade, a intensificação da sexualidade, o que por vezes gerava curiosidades e conflitos interpessoais, sociais e familiares, relacionados ao sexo e à sexualidade. Esses jovens eram, algumas vezes, encaminhados pela própria escola para atendimento psicológico, com a queixa de que estariam apresentando comportamentos considerados inadequados, de acordo com o entendimento de quem os educava. Nesse processo, tomavam-se como exemplo de inadequação questões relacionadas à identidade de gênero, ao interesse sexual expresso de várias maneiras, como flertar, beijar, masturbar-se, orgasmo e a curiosidades sobre sexo e sexualidade.

Nesse contexto, pôde-se observar que os pais demandam esses assuntos para os professores e vice-versa. Em alguns raros casos, procuram atendimento psicológico, o que levanta a questão sobre o quanto professores, gestores e pais estão efetivamente preparados para tal demanda? Isto remeteu-nos a questionar, ainda, sobre o modo pelo qual a educação sexual tem sido tratada pelos professores junto a pré-adolescentes no cotidiano escolar.

Para tanto, o principal objetivo deste estudo foi analisar as práticas pedagógicas de educação sexual no espaço escolar na perspectiva dos professores, a partir de um panorama interdisciplinar, o que significa que se buscou a compreensão dos fenômenos e a construção e conhecimentos sobre o tema em tela, de maneira global e abrangente. Isso porque uma metodologia interdisciplinar orienta tanto pesquisadores quanto professores na análise dos fenômenos a partir de diferentes perspectivas (Souza *et al.*, 2022).

Ao considerar a proposta interdisciplinar, percebe-se a necessidade de integrar a união entre os profissionais de saúde e educação para analisar as práticas pedagógicas sobre educação sexual (Ferreira; Piazza; Souza, 2019). Nesse sentido, para Hames e Kemp (2019, p. 67), “[...] as reflexões sobre educação sexual apontam para a ampliação do papel da Ciência e da Biologia nessas discussões, bem como a importância de um diálogo qualificado com outras áreas do conhecimento”. Essas áreas vão ao encontro das ciências humanas, como a Psicologia, por exemplo. Diante desse entendimento, destaca-se que os dados coletados foram analisados a partir da perspectiva interdisciplinar de produção de conhecimentos.

A educação sexual, não raro, é uma questão que apavora e gera receio por parte dos profissionais da escola e da família, já que há a crença que, ao se trabalhar com essas discussões poderá haver um incentivo para que crianças e adolescentes iniciem sua vida sexual (Souza; Ferrari, 2019). Contudo, atualmente, notam-se outras preocupações além dessa. Percebe-se que ocorre, dentre outros fatores, estranhamento por parte de educadores e familiares ao fato de haver, nos contextos em que pré-adolescentes estão inseridos, debates contínuos sobre temas como sexualidade, relações de gênero, identidade de gênero, diversidade sexual, saúde sexual e reprodutiva, os quais podem fugir da ideia heteronormativa da sociedade (Nunes, 2021).

Dessa forma, parece ser apropriado, nesta introdução, discorrer sobre os conceitos do que é sexo e sexualidade, pois embora sejam complementares, não guardam em si o mesmo significado. Nesses termos, sexo diz respeito à relação sexual e faz parte da sexualidade. Já a sexualidade é mais abrangente, engloba prazer, afetividade, carinho, toque, corpo, a imagem corporal que cada um tem de si, comunicação verbal e não verbal (olhares, sorrisos, toques, entre outros), gênero (feminino e masculino), identidade sexual e de gênero (como a pessoa

reconhece seu gênero) e educação sexual (diz respeito atração sexual e afetiva) (Figueiró, 2018).

Sob esse viés, para Figueiró (2018), os professores necessitam superar o medo da reação negativa de pais, mães ou de pessoas ligadas a movimentos conservadores no que se refere à educação sexual. Essa atitude contribuirá para que crianças, adolescentes, pais e educadores busquem a educação sexual como um caminho para alcançar a prevenção do abuso sexual, da violência sexual, da exploração sexual de crianças, adolescentes e jovens, sem deixar de desconsiderar o discurso da gravidez na adolescência e das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Neste estudo considera-se a educação sexual como toda a ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível de conhecimento ou de discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual (Figueiró, 2020). Diante disso, entende-se que educação sexual pode ocorrer em qualquer estágio da vida do ser humano. Está presente em espaços cotidianos por meio de valores formais e/ou informais, e em discursos que envolvem a sexualidade.

Nessa perspectiva, a pergunta ou problema de pesquisa consiste em comunicar o que se deseja resolver e entender, por meio de processos científicos (Marconi; Lakatos, 2021). Nesses termos, pretendeu-se realizar esta pesquisa por se entender que as práticas pedagógicas em educação sexual no espaço escolar são essenciais. Isso ocorre pois os casos de preconceitos, violências de gênero ou ainda, violências e explorações sexuais, tem sido cada vez mais frequentes na sociedade e requerem ações efetivas para a quebra de mitos, tabus sociais e culturais e padrões conservadores que envolvem a sexualidade. Tais ações podem ser ativadas à medida que conhecimentos e esclarecimentos forem mediados por professores no contexto escolar. Portanto, este estudo buscou produzir respostas à seguinte questão: quais são as percepções de professores sobre as práticas pedagógicas de educação sexual no espaço escolar, nos anos finais do ensino fundamental?

## **Percurso Metodológico**

Este estudo assume o *design* de pesquisa qualitativa, pois, de acordo com Flick (2009, p. 17), “[...] a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida”. Desse modo, foram entrevistados professores que lecionavam nos anos finais do ensino fundamental, no mínimo há um ano, sem

definição de disciplinas que ministravam no momento da entrevista. Isso porque o interesse ou as dúvidas sobre sexualidade de parte dos adolescentes podem surgir a partir de incontáveis possibilidades, como, por exemplo, nas aulas de matemática ou de geografia.

O método de acesso aos participantes utilizado foi *snowball sampling* – cadeia de informantes, que não enseja, *a priori*, a definição do quantitativo desses participantes na amostra. Essa abordagem não probabilística é amplamente utilizada em pesquisas sociais, onde a seleção de participantes é feita por meio de referências em cadeia em uma rede. Logo, o processo inicia-se com o primeiro entrevistado, que indica o participante seguinte e, assim, sucessivamente, de acordo com critérios de inclusão estabelecidos previamente pelo pesquisador (Baldin; Munhoz, 2011). Esse processo continua até que ocorra a *saturação*, que é quando os participantes começam a repetir informações já apresentadas em entrevistas anteriores, sem acrescentar algo novo ou relevante (WHO, 1994). Audemard (2020) ressalta que, ao utilizar informantes-chave, o método *snowball sampling* possibilita aos pesquisadores o acesso à população que se deseja estudar.

Assim, participaram cinco professores com atuação em escolas municipais, cinco em escolas estaduais e cinco em escolas particulares, o que totalizou 15 participantes no estudo. O ponto de saturação da coleta de dados aconteceu a partir do quinto professor de cada um dos sistemas de ensino.

Ademais, na coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com questões de interesse sobre o tema, elaboradas pela autora do estudo. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Na análise do *corpus*, formado pelas respostas dadas às entrevistas, foram seguidas as oito etapas da pesquisa de análise de conteúdo qualitativo descritas por Flick (2009). Isso ocorreu para produzir os resultados apresentados nas seções *O silenciamento da educação sexual na escola* e *Percepção geral dos professores sobre educação sexual no espaço escolar*.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, estando registrado sob o Parecer de número 5.413.463 e seguiu os pressupostos previstos na Resolução número 510/2016 do Plenário do Conselho Nacional de Saúde. Todos os sujeitos pesquisados e suas instituições estão mantidos em anonimato.

A fim de preservar a identidade dos participantes e de manter o sigilo das informações, eles foram identificados somente por suas principais áreas de conhecimento, de atuação, séries e rede de ensino onde lecionam. Com a finalidade de prezar pelo anonimato, não há indicação de sexo, idade ou tempo de atuação.

A identificação dos entrevistados nesta pesquisa obedeceu à seguinte codificação: cada um recebeu a letra *P*, de professor, e um número, de 1 a 15, de acordo com a ordem numérica

da realização da entrevista<sup>1</sup> (1 para o primeiro, 2 para o segundo e assim sucessivamente). Além disso, foram identificados com a letra *M* os professores da rede Municipal de ensino, *E*, os professores da rede Estadual de ensino, e *P*, para a rede Particular de ensino.

Os entrevistados foram identificados também pela disciplina que lecionavam no momento da entrevista, o que está representado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1** - Relação dos Participantes, respectivas disciplinas e rede de ensino na qual lecionam

Entrevistado	Disciplina que leciona	Rede de Ensino
P1E	Matemática	Estadual
P5E	Língua Inglesa	Estadual
P8E	Ciências	Estadual
P9E	Ciências	Estadual
P14E	História	Estadual
P2M	Ciências	Municipal
P3M	Educação Física	Municipal
P7M	Artes	Municipal
P10M	Geografia	Municipal
P13M	Ciências	Municipal
P4P	Português	Particular
P6P	Ciências	Particular
P11P	Matemática	Particular
P12P	História	Particular
P15P	Ciências	Particular

Fonte: As autoras, dados primários (2023)

Por meio do Quadro 1 é possível constatar que o maior quantitativo de participantes (7) leciona a disciplina de Ciências, algo não intencional ou previsto neste estudo. É provável que o método de indicação do próximo participante (*snowball sampling*) tenha sido indiretamente ou inconscientemente influenciado pelo fato do tema das entrevistas guardar proximidade com os professores de Ciências. Afinal, em relação às matérias que abordam a educação sexual, Biologia e Ciências são destaques, algo já presente na literatura (Queiroz; Almeida, 2017).

## O silenciamento da educação sexual na escola

Em um levantamento realizado por Goldfarb e Lieberman (2021), a eficácia da educação sexual foi estudada em países como Estados Unidos, Israel, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Países Baixos, Quênia, México, África do Sul, Irlanda, China, Alemanha, Espanha, Taiwan, Turquia, Reino Unido, Irlanda e Holanda. Os autores supracitados constataram que fazem parte desse sistema de mudanças o desenvolvimento das questões sexuais pertinentes a cada fase do ciclo vital, incluindo a infância e a adolescência. Há décadas, esses estudos são realizados em

<sup>1</sup> Entrevistas realizadas em 2023, concedidas à pesquisadora/mestranda deste artigo, na Cidade de Lages, Santa Catarina.

países em que a educação sexual é inserida de forma mais abrangente. No entanto, essa não parece ser a realidade presente nas escolas brasileiras ou nos cursos de formação de professores do país.

De modo geral, observa-se, nas falas dos participantes, que são incipientes as oportunidades oferecidas aos estudantes para a aprendizagem, reflexão e discussão de temas relacionados à educação sexual. Dos 15 professores entrevistados, quatro relataram que a educação sexual, quando se concretiza, acontece por meio de palestras ou orientações de outros profissionais. As falas, a seguir, ratificam isso:

*P14E: Na escola onde eu trabalho especificamente, a direção da escola com o pessoal da equipe que ela montou, ela na verdade está chamando um Psicólogo. Ele trabalha na rede municipal, tem essa formação. E ele foi convidado para fazer palestras, mais generalizadas, depois questões mais específicas e atendimento individualizado.*

*P6P: [...] tenho bastante autonomia, vamos dizer assim. E a coordenação está sempre junta, às vezes quando eu preciso falar alguma coisa que pode ser um assunto mais delicado eu peço pra psicólogas entrar comigo, né?*

*P9E: Tem essas palestras. Não vejo produtiva palestras que se dão. Não vejo nada de produtivo. Não vejo nada de bom você tirar quarenta alunos de uma sala de aula e dar uma palestra de uma hora e meia. Falando, falando, falando, falando. um assunto que as vezes 'não é a minha dívida'. Se o Fulano tem a dívida. Porque ainda não se tem maturidade pra entender tudo que estão falando. Então falam, falam, falam, falam... E eu saio dali dando risada e não levei nada, não absorvi nada daquele conhecimento. Então, não vejo... eu vejo essas palestras mais como uma... como uma atividade extraclasse (grifo nosso).*

Nota-se que o entrevistado P9E não percebe a prática pedagógica de palestras para os estudantes como produtiva e efetiva. Além disso, complementa sua fala, de forma literal, com aquilo que observa durante as palestras que acompanhou:

*P9E: [...] aonde os alunos vão pra lá, pra sala de vídeo e daí vem um monte de criança vendo, vídeo do primeiro e terceiro, quarto, mês de gestação. Ver num parto onde se esconde a parte entre aspas por fenda né? Que está parindo. Vejo a criança chorando. Daí vejo alguém colocando uma camisinha num pepino, daí como não pode mostrar o... não se é só o masculino, tanto que são de pepino, né? Então você já começa a achar aquilo uma inverdade. Porque nem tudo se pode mostrar, então não se pode mostrar tudo sobre a sexualidade. Você não pode mostrar tudo? Porque se eu vou com uma palestra em vez um pênis, coloca um pepino é tipo, porque mostrar um pênis é feio. Entendeu?*

Nos relatos desses professores, na escola em que atuam, a educação sexual acontece por meio de palestras. Um dos professores, P9E, relatou não observar essa prática como uma estratégia favorável à aprendizagem dos estudantes. Tais considerações do entrevistado levam

a refletir a respeito da abordagem de educação sexual através da *fisiologia do sexo*, em que somente momentos pontuais em que se fala a respeito de prevenção da gravidez e métodos contraceptivos, não são eficazes e não abrangem sobre a diversidade do assunto relacionado à sexualidade (Figueiró, 2009).

A importância de temas vinculados à educação sexual requer um entendimento mais amplo do que apenas falas específicas sobre assuntos pontuais. É preciso constituir-se como um espaço para pensar muito além da fisiologia do sexo e, sobretudo, muito além, da perspectiva de que a educação sexual se concretiza apenas por meio de especialistas palestrantes em trabalhos superficiais. É importante que os estudantes tenham várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo e, portanto, longo. Desse modo, parece ser oportuno e quanto necessário desconstruir a ideia de que se faz educação sexual chamando profissionais para ministrar palestras aos estudantes (Figueiró, 2009; Siqueira *et al.*, 2022).

A esse respeito, Figueiró (2020) defende que a educação emancipatória nas escolas visa promover pensamentos e debates sobre o que é relacionado à sexualidade e à sua vivência com responsabilidade. Essas autoras reiteram que o papel do professor não se limita a palestras de especialistas ou informações biológicas, mas também diz respeito a oportunizar aos estudantes esclarecimentos de suas dúvidas, expressar sentimentos e rever tabus e preconceitos, para construir uma sociedade menos repressiva em relação à sexualidade, de modo a vivenciá-la sem culpa ou vergonha. Dessa forma, oportuniza-se que o educando construa seus posicionamentos pessoais, resignificando o que recebe dos outros sistemas nos quais convive. Assim, acontece a formação dos valores morais importantes: respeito a si e ao outro, justiça, fraternidade, amor e igualdade.

Tais abordagens podem convergir para a complexidade de unir e associar essas realidades na escola (Figueiró, 2020). Para Zaw *et al.* (2020 p. 2), “[...] a educação sexual na escola é importante para a saúde reprodutiva das crianças e adolescentes; no entanto, pode ser desafiador conceber maneiras de adaptá-la às necessidades de uma sociedade em particular”.

Dados os resultados apurados a partir das falas dos participantes e as considerações tecidas nos parágrafos anteriores, considera-se que, quando se coloca foco na educação sexual nas escolas, se observa um silenciamento quase que total da parte dos professores, dos gestores escolares, dos responsáveis e dos estudantes. Nesses termos, a educação emancipatória é uma expressão cunhada em livros e nas teorias, embora pouco presente no cotidiano escolar.

Nesse aspecto, a crítica central às instituições de ensino que não implementam uma educação sexual emancipatória, e que não estimulam a crítica dos estudantes a esse respeito,

reside na perpetuação de paradigmas repressores. Essa abordagem tradicionalista não apenas falha em questionar os paradigmas existentes sobre sexualidade, mas também impede que os estudantes desenvolvam uma compreensão crítica e reflexiva sobre o tema.

A ausência de uma educação sexual que promova a emancipação e o pensamento crítico é uma falha significativa no sistema educacional. Isso porque a educação, em sua essência, deve visar não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de indivíduos capazes de pensar de forma crítica e autônoma. Da mesma maneira, a educação sexual emancipatória representa uma oportunidade para se preparar os estudantes para lidar com questões de sexualidade de maneira segura e responsável, uma vez que promove uma compreensão mais profunda e respeitosa sobre o tema (Yared; Melo; Vieira, 2020).

Além disso, tal contexto reflete uma desvalorização do rigor científico e da necessidade de abordagens pedagógicas baseadas em evidências. Isso contribui para a perpetuação de mitos e para a desinformação sobre a sexualidade, afetando negativamente a formação dos estudantes e sua capacidade de tomar decisões informadas e responsáveis (Figueiró, 2018).

Nessa mesma perspectiva, Fernandes e Atabb (2020) defendem que, no Brasil, a educação sexual na escola deve ser livre e igualitária, para que ocorra a quebra de vários mitos e possíveis traumas que uma educação sexual punitiva e classificatória pode gerar na vida do indivíduo. Os autores deixam claro que a educação sexual está relacionada à autoestima de indivíduos e sua capacidade de construção de mecanismos de defesa de atos abusivos. Assim, recomendam que as pessoas sejam respeitadas e que convivam de maneira saudável com quem tem escolhas diferentes das suas, tornando-se capaz de reagir e se posicionar de maneira contrária a qualquer atitude que possa ferir a dignidade e o direito do outro.

Ainda nessa direção, a educação sexual emancipatória não se limita apenas ao conteúdo transmitido; ela envolve também a forma como os educadores se posicionam diante do tema e como incentivam os estudantes a desenvolverem sua própria capacidade de análise e questionamento. Muitos docentes, por falta de formação específica ou por aderência a paradigmas convencionais, acabam não promovendo um ambiente que estimule a autonomia e a responsabilidade dos estudantes em sua própria educação sexual (Figueiró, 2018).

Em outra perspectiva e análise, cabe resgatar que o termo *orientação sexual* é mencionado nos parâmetros curriculares nacionais, inicialmente. Já o termo *educação sexual*, é utilizado, atualmente, na Base Nacional Comum Curricular e no Currículo Base do Território Catarinense. Entre estes, percebe-se, diferentes significados. A orientação sexual diz respeito “[...] a um mecanismo mais elaborado, segundo o qual, baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos, o orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando assim,

apto a conhecer novos caminhos” (Vitiello, 1997, p. 95). Ou seja, acontece em qualquer contexto em que o estudante possa estar inserido, pois há a perspectiva do fornecimento de informações sobre sexualidade como um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores de relacionamentos e comportamentos sexuais.

A partir disso, pode-se perceber que as respostas dos participantes que percebem a ocorrência de palestras sobre o tema são oriundas, em sua maioria, de professores da rede de ensino estadual (3) e um professor da rede particular. Acredita-se que essas palestras ocorrem na rede de ensino estadual devido a Lei nº 18.337, a qual entrou em vigor em 06/01/2022, que “[...] dispõe sobre o Programa Time da Defesa, de ação interdisciplinar, com o objetivo de prevenir e refutar qualquer tipo de violência escolar e doméstica, abuso sexual e o uso de drogas nas escolas estaduais da rede pública e adota outras providências” (Santa Catarina, 2022, p. 1).

Ainda, no art. 2º, inciso 1º da referida Lei, encontra-se:

art. 2º - Para implementar o Programa, cada unidade escolar poderá criar uma equipe de trabalho, constituída por professores, funcionários, alunos, especialistas em segurança pública e educação, pais e representantes ligados à comunidade escolar.

§ 1º Para a consecução dos objetivos do Programa poderão ser convidados conferencistas ou palestrantes, que prestarão os serviços de explanação, nas quais serão refutadas a violência escolar e doméstica, o abuso sexual e a utilização de drogas. (Santa Catarina, 2022, p. 2)

Embora se perceba como um avanço a aprovação dessa lei, que começou a vigorar no ano de 2022, as estratégias de implementação de tal programa ainda parecem ser ineficientes.

Nesse aspecto, quatro participantes da pesquisa percebem que a educação sexual não acontece na escola. Esse entendimento tem fundamento nas falas registradas a seguir:

P1E: [...] não tem muita orientação familiar, nem escolar. Você vê que não tem muita informação pelo que eles falam, o que um diz para o outro, pelo que eles veem dos mais velhos fazendo, é o jeito que eles vão fazendo. Vão seguindo aquela linha do outro, porque eles não têm nenhuma orientação.

P7M: Não! De nenhuma forma.

P10M: E agora percebo que é por parte dos professores, eles acham melhor não falar, para não dar conflito, sabe? Eu percebo isso hoje assim, que é um tema que não tá sendo muito comentado e às vezes essa demanda surge até mesmo dos alunos, assim, eles perguntam, mas tá, e como que a gente vai saber sobre tal assunto?

P13M: É meio que um tabu, eles estão iniciando as curiosidades sobre o assunto, desde o pré, mas ainda não é muito falado. Porque ainda é um tabu falar do assunto. Porque os pais e até alguns alunos, acham que falar sobre sexualidade é incentivar ao sexo, à relação sexual. É isso.

Os relatos evidenciam que os professores percebem que a educação sexual não acontece por razões que se associam à evitação de conflitos, uma vez que ainda representam tabus sociais e culturais. A partir disso, se depreende que há receios, medos, desinformação e falta de argumentos, aspectos que os limitam ou que os impedem de falar, discutir e refletir sobre o tema em sala de aula, reforçando o silenciamento sobre o tema. Como bem escrevem Schutz, Martinez e Salva (2019, p. 452): “os espaços para a discussão e reflexão sobre a sexualidade infantil são quase inexistentes, prevalecendo o não dito”.

### **Práticas pedagógicas de educação sexual**

No constante investimento na transformação de padrões na educação envolvem-se os processos de aprendizagem e as práticas pedagógicas que associam o ensino e a forma como ele acontece. Dessa forma, as práticas pedagógicas possuem definições distintas na literatura.

Neste estudo, fez-se uso da perspectiva de Caldeira e Zaidan (2013, p. 02) como conceito central de práticas pedagógicas sendo assim representadas: “[...] uma prática social complexa que acontece em diferentes espaços / tempos da escola, no cotidiano de professores e estudantes nela envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento”. Considera-se, ainda, que as práticas pedagógicas se constroem não somente no espaço e tempo da escola, mas no cotidiano de professores e estudantes, de acordo com fatores que são influenciados pelos sistemas em que convivem.

A partir disso, e embora os entrevistados percebam que a educação sexual na escola onde atuam não acontece, defende-se a ideia de que a educação sexual acontece no cotidiano, na convivência entre as pessoas, de forma sutil e não planejada. É importante ponderar que, na caminhada pela proposição da educação em seu sentido mais amplo, a educação institucionalizada parece se limitar à ideia de que as pessoas que convivem e frequentam a escola são *assexuadas*. Na maioria das vezes, a educação sexual acontece nesse espaço por meio de um currículo oculto.

O fato é que todo o ser humano é sexualmente educado desde o nascimento. Ao longo do tempo, absorve quais são as atitudes e comportamentos socialmente esperados. Nesse processo, depara-se com frequentes conflitos entre o desejo, a repressão e a culpa. Na escola, esses processos socioculturais são expostos e se reproduzem por meio das atitudes e comportamentos de professores e estudantes. Dentre outras razões, a escola se torna um espaço propício ao desenvolvimento de ações educativas na esfera da sexualidade (Araujo; Augusto;

Ribeiro, 2009). Um exemplo disto são as falas de três dos entrevistados quando questionados sobre como percebem os acontecimentos que circunscrevem a educação sexual na escola:

P1E: *Eu percebo bem a florada. Mais entre as meninas do que entre os meninos. As meninas já falam, já estão mais desbocadas pra falar. Os meninos ficam até meio acanhados e envergonhados, tem até vergonha de falar, os meninos se recolhem mais... as vezes as meninas do ensino médio, assim mais assanhadas, falam alguma coisa, eu respondo, elas dizem: “nossa professora, mas não é assim.*

P5E: *Por exemplo, os alunos do sexto ano, principalmente os meninos, desenham pênis por tudo, todos os lugares. É na carteira, é na cadeira, é em todos os dicionários de inglês, eles desenham. Eles têm uma necessidade de desenhar pênis em tudo. Que é absurda!*

P3M: *[...] esses dias caiu um absorvente da mochila de uma menina e os meninos ficaram constrangidos de ela pegar o absorvente.*

Nesses três relatos, pode-se observar que há conceitos equivocados dos professores, os quais podem ter origem na falta de entendimento de fatores biopsicossociais dessa faixa etária. Percebe-se que nessas respostas destacam-se as diferenças dos comportamentos entre meninos e meninas. Constata-se, nos trechos mencionados, a evidência dos papéis de gênero e as percepções acerca de cada um. Comumente, são atrelados ao gênero feminino os adjetivos que indicam uma espera de certa passividade e/ou singeleza das meninas. Por exemplo, quando o P1E menciona que: *as meninas já falam, já estão mais desbocadas pra falar. Os meninos ficam até meio acanhados e envergonhados...*, e depois reitera que há meninas mais *assanhadas*. Isso também é perceptível quando mencionado o constrangimento sentido pelos meninos ao ver uma menina recolhendo um absorvente que havia caído de sua mochila, conforme relatado por P3M. Nessa esteira, acrescenta-se o comentário sobre a “troca de gênero” dos estudantes mencionado por P11P:

P11P: *Mas eu vejo assim que no oitavo e no nono essa questão de curiosidade já passa mais uma percepção mais ativa. A questão do toque. Da troca de gênero também, né? Você gostar hoje de uma menina? Amanhã de menino, hoje de uma menina, amanhã de menino? Acontece assim, meu Deus, né?*

Ao longo dessas narrativas, alguns papéis de gênero são evidenciados sob a forma de estereótipos, os quais fazem parte daquilo que, possivelmente, esses entrevistados acreditam ser o certo ou errado. E quando repetidos no cotidiano, mesmo que sem intenção, marcam discursos polarizados sobre os papéis de gênero, que foram construídos pelos adultos e reproduzidos pelas crianças e adolescentes. Isso ocorre porque sua percepção de mundo é, em grande medida, decorrente do círculo social que compartilham e, assim, são condicionados a

serem preconceituosos e sexistas, o que dificulta sua aprendizagem de respeito à diversidade e às diferenças (Ferreira, 2021).

Em adição a isso, há as características próprias dos professores que, algumas vezes, se refletem na resistência ou dificuldade pessoal para a abordagem do assunto (Jardim; Brêtas, 2006). Por outro lado, observa-se que a pressão dos familiares/responsáveis ou outros membros da comunidade escolar também são frequentes, uma vez que a discussão sobre sexualidade está associada, de maneira inevitável, a questões polêmicas que circundam preconceitos, religião, ideologias, política etc., que não raro implicam em situações às vezes tensas e conflituosas na discussão sobre comportamento sexual na escola (Maistro, 2006).

Sob essa perspectiva deriva-se o entendimento de que os professores não têm consciência do currículo oculto que permeia e transversaliza suas ações. Afinal, mesmo que de modo involuntário e não consciente, suas decisões, atitudes, materiais didáticos etc., são permeados pela ideologia dominante que sustenta suas práticas (Gonini; Petrenas, 2021). No caso da educação sexual especificamente, entende-se que, no Brasil, no espaço escolar, há divergências e interferências sobre seu objeto de estudo. Em decorrência disso, o processo de aprendizagem dos adolescentes resulta-se prejudicado, pois ora são atendidos os conceitos biológicos, ora os conceitos médicos e políticos, ora outros, na definição das práticas pedagógicas vinculadas ao tema.

Além disso, os participantes foram questionados sobre como lidam quando o assunto da sexualidade surge em suas aulas no cotidiano. Nesse ponto, restou evidente que oito entre os quinze entrevistados relataram que surgem tais questionamentos ou comentários e que procuram sanar as dúvidas no momento em que ocorrem, o que demonstra uma abordagem mais ativa quando a temática surge durante suas aulas. Embora esses professores sejam bem-intencionados, o fato de haver pouca formação continuada a respeito de como abordar o tema de forma fidedigna e adequada pode levá-los a responder de acordo com suas experiências e perspectivas. Isso gera um currículo oculto sobre o que é certo e errado quando se trata do assunto.

Neste estudo, foram entrevistados sete professores de Ciências, sendo que três deles afirmam ter práticas pedagógicas mais flexíveis para atender as dúvidas reais dos estudantes. Esse fato merece atenção, pois as perguntas envolvendo os genitais, gênero e sexualidade sempre ocorreram, e acredita-se que sempre ocorrerão. Dessa forma, o vazio de explicações e as lacunas quando persistem costumam levar os jovens a buscarem em lugares onde essas informações podem ser perigosas, equivocadas ou inadequadas (Abreu, 2021).

Portanto, evidenciou-se, neste estudo, o quanto os participantes sentem-se inseguros, não apenas em relação ao conhecimento sobre o tema. Nota-se isso quando falam de seus receios calcados nas regras institucionais. Por exemplo, um dos entrevistados relatou que seus gestores nada respondem quando questionados sobre as situações associadas à sexualidade ou educação sexual ocorridas no cotidiano escolar que geram preocupações, ou algo que possa ser feito a respeito. Ainda, percebe-se a dificuldade deles em lidar com questões relacionadas a gênero e diversidade sexual, bem como, suas dificuldades para falarem sobre aquilo que não se encontra nos conteúdos programáticos, como suas experiências, discordâncias, dissonâncias, sentimentos, ansiedades etc.

Além disso, o fato de não se falar a respeito de sexualidade durante as aulas quando o assunto surge no cotidiano traduz uma mensagem importante sobre educação sexual aos estudantes, pois as atitudes, os silêncios, os olhares, gestos, enfim, os comportamentos não verbais - não planejados - acontecem no cotidiano e se relacionam à educação sexual informal. Por exemplo, quando uma menina de 11 anos desconhece a respeito de menstruação, ou como nascem os bebês, é possível inferir que essa menina teve educação sexual, sim. Afinal, o simples fato de não haver com quem conversar sobre esses assuntos faz com que ela deduza que os adultos não querem falar disso e que, talvez, esse seja um assunto que não deva ser falado. Tal fato se torna um aprendizado sobre o tema, pois “[...] na escola a professora de Ciências ensina a respeito do sistema circulatório, digestório, respiratório, etc., e não fala sobre o sistema sexual, ou fala superficialmente” (Figueiró, 2020 p. 17). Não falar a respeito da educação sexual, ou apresentar a resistência em falar até da sexualidade na perspectiva biológica, pode conduzir os adolescentes ao entendimento de que tal assunto é irrelevante ou inapropriado. Assim, esses assuntos são direcionados às aulas de Ciências, como analisado na pesquisa.

Nessa perspectiva, sete professores de ciências responderam que, nos espaços escolares onde atuam, a educação sexual fica limitada e direcionada às aulas de Ciências, e que sua responsabilidade é passada para os professores dessa disciplina, por possuírem mais autoridade para falar a respeito de sexualidade. Contudo, de acordo com os relatos, tais professores não se sentem preparados o suficiente para abordar as questões. Assim, pode-se perceber que os entrevistados evidenciam suas dificuldades em lecionar temas associados à educação sexual, principalmente no que diz respeito às questões afetivas e emocionais dos estudantes, que podem surgir durante as aulas ou em qualquer momento no cotidiano escolar. Esse fato possibilita concluir que há, entre os professores de Ciências, conhecimento limitado referente a termos e abordagens técnicas e conteudistas. Ainda, evidencia-se que tais conhecimentos não parecem

ser suficientes para sanar as dúvidas, curiosidades e necessidades dos estudantes sobre o assunto.

## Considerações finais

Em resposta aos objetivos elencados neste estudo, foram identificadas as práticas pedagógicas de educação sexual no espaço da escola, conforme a perspectiva dos professores. Nesses termos, nos discursos dos entrevistados, observou-se: (i) o receio deles em falar sobre o tema quando o assunto vai além dos conteúdos técnicos; (ii) a insuficiência de conhecimentos sobre possibilidades de abordagem do tema, principalmente quando estão envolvidos sentimentos, afetos e emoções; e (iii) o receio de como o assunto repercutirá fora do espaço escolar. Ora estes receios estão assentados no medo da reação das famílias dos estudantes, ora em sua percepção de ausência de preparo na abordagem do tema.

Dessa forma, evidenciou-se entre os participantes que, não raro, os gestores das escolas limitam as discussões, em classe, sobre os assuntos considerados *polêmicos*. Entre os achados deste estudo, observa-se que as práticas pedagógicas em educação sexual não ocorrem de forma interdisciplinar, em grande parte das escolas onde trabalham, algo que pode ser comum em outros espaços escolares. Registra-se também que alguns professores, quando questionados pelos estudantes a respeito do tema, reagem e explicam da forma como acreditam ser o correto, ou seja, alguns se limitam apenas àquilo que acreditam que devem responder; outros direcionam o questionamento ao professor de Ciências, e alguns não respondem às perguntas por não fazerem parte de sua disciplina. No entanto, sobejam entendimentos na literatura de que a educação sexual implica responsabilidade da família, administradores escolares, educadores e formuladores de políticas (Astle *et al.* 2020).

Ainda, de acordo com os relatos dos professores de Ciências, eles não se sentem suficientemente preparados para abordar temas relacionados à educação sexual em suas aulas. Afinal, relataram suas dificuldades em abordar a educação sexual no que tange a questões afetivas e emocionais dos estudantes que, muitas vezes, surgem durante as aulas. Isso leva a crer que há, entre os professores de Ciências, o conhecimento limitado sobre termos e abordagens técnicas e conteudistas. Ademais, essas abordagens não parecem ser suficientes para sanar as dúvidas e necessidades dos estudantes sobre o assunto. Portanto, depreende-se que, de fato, nesses espaços a educação sexual é limitada às aulas de Ciências e sua forma de abordagem é insuficiente.

Neste estudo, também se questionou os participantes sobre a percepção de como acontecem as práticas pedagógicas de educação sexual no espaço da escola. A esse respeito,

pode-se concluir que, no momento, a educação sexual, quando abordada por parte dos professores, recebe uma perspectiva biológica e higienista, limitada a conceitos anatômicos, biológicos e focado em métodos de contracepção e na evitação de ISTs.

Em razão dos resultados deste estudo e daquilo que é enfatizado na literatura, e embora a educação sexual seja limitada e insuficiente nas escolas, esse processo acontece no cotidiano, mesmo que indiretamente, na convivência entre as pessoas, de forma sutil e involuntária. Evidencia-se, então, que a educação sexual acontece nesse espaço por meio de um currículo oculto, por meio das perspectivas e posturas de alguns professores, nas abordagens de alguns assuntos relacionados a gênero e afetividade

Por fim, é essencial a construção de políticas públicas que reforcem e considerem as práticas e problemas cotidianos que os professores enfrentam, bem como os seus saberes e os seus campos de atuação, baseados nas realidades vividas e não apenas em discursos falaciosos. Nessa construção, inclui-se a formação e capacitação continuada dos professores. No presente estudo, restam claras as dificuldades e limitações dos professores na abordagem do tema em tela, algo que precisa passar por revisão, urgentemente. Afinal, muitos se ocupam de diversos contextos (sociais, educacionais, familiares, pessoais e etc.), em suas práticas laborais, que não são devidamente abordados nos textos (oficiais) das bases curriculares, como a educação sexual, por exemplo. Fundamentalmente, defende-se o entendimento de que os professores devem ser mais ouvidos e considerados pelos formuladores das políticas públicas, pois eles são a *linha de frente* da educação.

## Referências

ABREU, Geovanna Bueno. **Manifestação da sexualidade**: conflito dos professores e seu papel diante das perguntas das crianças na Educação Infantil. 2021. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás, 2021.

ARAÚJO, Karla Cristina Vicentini de; AUGUSTO, Viviane Oliveira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre educação sexual e estudos de gênero no trabalho de educadores do ciclo II e ensino médio. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 152–161, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/2699>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ASTLE, Shelby; MCALLISTER, Paige; EMANUELS, Sarah; ROGERS, Jennica; TOEWS, Michelle; YAZEDJIAN, Ani. College students' suggestions for improving sex education in schools beyond 'blah blah blah condoms and STDs'. **Sex Education**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 91–105, 2020. DOI: 10.1080/14681811.2020.1749044 Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681811.2020.1749044>. Acesso em: 15 mar. 2023.

AUDEMARD, Julien. Objectifying Contextual Effects. The Use of Snowball Sampling in Political Sociology. **Bulletin of Sociological Methodology**/Bulletin de Méthodologie Sociologique, v. 145, n. 1, p. 30-60, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0759106319888703> Acesso em: 17 abr. 2023.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa *snowball* (bola de neve). **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], v. 27, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CALDEIRA, Ana Maria Salgueiro; ZAIDAN, Samira. Práxis pedagógica: um desafio cotidiano. **Paidéia**, Belo Horizonte, n. 14, p. 15-32, 2013. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/2374>. Acesso em: 14 ago. 2023

FERNANDES, Priscila da Silva; ATTAB, Renan Martins da Conceição. Educação Sexual, sexualidade e gênero. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 7., 2020, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: Centro Cultural de Exposição Ruth Cardoso, 2020. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA7\\_ID7460\\_01102020142431.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA7_ID7460_01102020142431.pdf). Acesso em: 30 out. 2023.

FERREIRA, Iago Gonçalves; PIAZZA, Marina; SOUZA, Deyse. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, [s. l.], v. 14, n. 41, p. 1788–1788, 2019. DOI: 10.5712/rbmfc14(41)1788 Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1788>. Acesso em: 29 maio 2024.

FERREIRA, Maria Miquele. **Educação infantil sob perspectiva feminista**: possibilidades de conscientização crítica do pequeno ser na obra *Feminina de Menina, Masculino de Menino*. 2021. 28f. Monografia (pós-graduação *lato sensu* em Linguagem, Cultura e Formação Docente). Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Tomé-Açu. Tomé-Açu. 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: como ensinar no espaço da escola. Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. 2.ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2020.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLDFARB, Eva S.; LIEBERMAN, Lisa D. Three Decades of Research: the case for comprehensive sex education. **Journal of Adolescent Health**, [s. l.], v. 68, n. 1, p. 13–27, 2021. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2020.07.036 Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(20\)30456-0/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(20)30456-0/fulltext). Acesso em: 17 abr. 2023

GONINI, Fátima Aparecida Coelho; PETRENAS, Rita de Cássia. A educação sexual abordada através de bilhetes trocados entre crianças. **Plures Humanidades**, [s. l.], v. 21, n. 2, 2021. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/554>. Acesso em: 12 fev. 2024.

HAMES, Clarines; KEMP, Adriana Toso. Diversidade de Gênero e Sexualidade no processo formativo docente. **Revista Insignare Scientia - RIS**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 67–74, 2019. DOI: 10.36661/2595-4520.2019v2i1.10664 Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/10664>. Acesso em: 29 maio 2024.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto Da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 59, n. 2, p. 157–162, 2006. DOI: 10.1590/S0034-71672006000200007 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000200007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 11 ago. 2023

MAISTRO, Virgínia Iara Andrade. **Projetos de orientação sexual na escola: seus limites e suas possibilidades**. 2006. 243f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MARCONI, Marina. Andrade; LAKATOS, Eva. Maria, **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas. 2021.

NUNES, Matheus Oliveira. **Implementação da educação de gênero: um desafio para a educação básica**. 2021. 22f. TCC (Graduação Licenciatura em Ciências Biológicas). Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Goiano - Campus Ceres, Ceres, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2320/3/tcc\\_Mateus%20Oliveira%20Nunes.pdf](https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2320/3/tcc_Mateus%20Oliveira%20Nunes.pdf). Acesso em: 16 abr. 2022.

QUEIROZ, Vanessa dos Reis; ALMEIDA, Janie Maria. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 41, p. 209-214. 2017. DOI: 10.23925/1984-4840.2017v19i4a9. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/view/31788>. Acesso em: 29 maio 2024.

SANTA CATARINA. Lei nº 18.337, de 6 de janeiro de 2022. **Diário Oficial do Estado**, n. 21.683, de 7 janeiro de 2022. Disponível em: [http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2022/18337\\_2022\\_lei.html#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2018.337%2C%20DE%206%20DE%20JANEIRO%20DE%202022&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Programa%20Time,p%C3%BAblica%20e%20adota%20outras%20provid%C3%A2ncias](http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2022/18337_2022_lei.html#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2018.337%2C%20DE%206%20DE%20JANEIRO%20DE%202022&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Programa%20Time,p%C3%BAblica%20e%20adota%20outras%20provid%C3%A2ncias). Acesso em: 21 out. 2022.

SCHUTZ, Litiéli Wollmann; MARTINEZ, Lucas da Silva; SALVA, Sueli. Discutindo concepções sobre sexualidade infantil: um tema delicado. **Revista Práxis Educacional**, [s. l.], v. 15, n. 31, p. 452, 2019. DOI: 10.22481/praxis.v15i31.4682. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4682>. Acesso em: 29 maio 2024.

SIQUEIRA, Cristina Batista Carnevalli; MOTA-SANTOS, Carolina; CARVALHO NETO, Antonio; GOMES NETO, Manoel Bastos. Da criação à institucionalização: um programa de diversidade criado pelos trabalhadores. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 105–120, 2022. DOI: 10.12712/rpca.v16i3.55063. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/55063>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SOUZA, Marcos Lopes de; FERRARI, Anderson. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-Vista**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 40–59, abr. 2019. DOI: 10.14393/ER-v26n1a2019-2 Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48427>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SOUZA, Mariana Aranha; SALGADO, Priscila Aparecida Dias; CHAMON, Edna Maria Querido de O.; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e práticas pedagógicas: O que dizem os professores. **Revista Portuguesa de Educação**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 4–25, 2022. DOI: 10.21814/rpe.22479 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37471881001>. Acesso em: 22 mar. 2024.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: quem educa o educador**. Um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

WHO - World Health Organization. **Qualitative research for health programmes**. Geneva: Division of Mental Health, 1994. 102 p.

YARED, Yalin Brizola; MELO, Sonia Maria Martins de; VIEIRA, Rui Marques. A importância do pensamento crítico em inovações curriculares: interface com a educação sexual emancipatória. **Educação (UFSM)**, [s. l.], v. 45, n. 1, e33096, 2020. DOI: 10.5902/1984644433096 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33096>. Acesso em: 29 maio 2024.

ZAW, Phyu Phyu Thin; MCNEIL, Edward; OO, Kyaw; LIABSUETRAKUL, Tippawan; HTAY, Thien Thien. Abstinence-only or comprehensive sex education at Myanmar schools: preferences and knowledge among students, teachers, parents and policy makers. **Sex Education**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 75–90, 2021. DOI: 10.1080/14681811.2020.1749043. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681811.2020.1749043>. Acesso em: 14 set. 2023.

### SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

**Renata Barbosa Nunes**. Mestre em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC); Clínica de Psicologia Especializada ELOS. Psicóloga Clínica/Pesquisadora. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Saúde e Políticas Públicas / GP- TESPP. Contribuição de autoria: autora

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6176343571399369>

**Lilia Aparecida Kanan**. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-Doutora em Administração pela Atitus Educação. Docente permanente nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ambiente e Saúde, ambos da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação da UNIPLAC. Líder do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Saúde e Políticas Públicas / GP- TESPP

Contribuição de autoria: autora

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4901211328782556>

**Jaime Farias Dresch**. Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Membro do Grupo de Pesquisa Coletiva Diferenças, Juventudes e Educação.

Contribuição de autoria: autor

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0417770586064371>

**Como referenciar**

NUNES, Renata Barbosa; KANAN, Lilia Aparecida; DRESCH, Jaime Farias. Percepção de professores a respeito das práticas pedagógicas em educação sexual no espaço escolar.

**Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 51, e14938, 2024. DOI:  
10.22481/praxisedu.v20i51.14938